

TRIBUTO

Base aliada e oposição buscam entendimento para garantir o início do recesso parlamentar. Algumas pendências e garantias para DEM e PSDB podem ser resolvidas até a sessão plenária

DRU deve ser votada hoje

RICARDO MARQUES/FOLHA IMAGEM

Brasília – Líderes do governo e da oposição abriram caminho para que a votação da Desvinculação das Receitas da União (DRU) ocorra hoje, em segundo turno, no plenário do Senado. Inicialmente, a votação estava prevista para amanhã. A oposição promete garantir a votação antes do recesso parlamentar do Congresso se o governo se comprometer a não lançar um pacote econômico para compensar as perdas provocadas pelo fim da CPMF.

"Não votamos a DRU se o governo fizer chantagem, ameaçando que fará pacotes tributários. Se isso acontecer, a DRU não será votada. Mas eu acho que, pela disposição do governo, os entendimentos chegarão a um bom termo", disse o líder do DEM no Senado, José Agripino Maia (RN). Além do compromisso do governo de não lançar um pacote fiscal, a oposição também cobra a promessa de que não haverá punições para os senadores governistas que votaram contra a manutenção do imposto do cheque, além da disposição do governo em não reeditar a CPMF.

"O governo deve continuar sabendo que não é Deus, que esse episódio da DRU não é o último. Tem que calçar as sandálias da humildade. Temos a de-

terminação de enfrentar esses pacotes econômicos. Queremos respeito nas negociações", afirmou o líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM).

Apesar das ameaças da oposição, os governistas apostam no acordo para que a votação da DRU em segundo turno ocorra. A líder do PT no Senado, Ideli Salvatti (SC), disse que as pendências apresentadas pelo DEM e PSDB caminham para ser solucionadas, o que permite a votação da matéria. O presidente do Senado, Garibaldi Alves (PMDB-RN), por sua vez, acredita que a votação da DRU ocorra hoje. "Votamos amanhã (hoje). Depois, poderemos ir para o recesso parlamentar sossegados", avaliou. Os líderes fecharam acordo para limpar a pauta de votações da Casa ontem, deixando para hoje somente a votação da DRU. O Congresso entra de recesso oficialmente no dia 24.

Líderes governistas não acreditam no anúncio imediato de um pacote de medidas na área econômica para compensar as perdas com o fim da CPMF. Como o Orçamento será analisado somente em fevereiro, os aliados apostam que até lá o governo vá construir soluções compensatórias para o fim do imposto do cheque.



Presidente do Senado, Garibaldi Alves se reuniu com líderes partidários, para definir a pauta de votação até o início do recesso parlamentar

“Votamos amanhã (hoje). Depois, poderemos ir para o recesso parlamentar sossegados”

■ Garibaldi Alves (PMDB-RN), presidente do Senado

FÁBIO RODRIGUES POZZEBOM/ABR



Presidente Lula conversa com Hugo Chávez antes do encontro do Mercosul, em Montevideu

MERCOSUL

Falhas e inimigos

Montevideu – O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou ontem que o Mercosul é "como um filho" e nem sempre é possível ver seus defeitos, em discurso na cúpula do bloco realizada no Uruguai. "A burocracia é um dos muitos problemas no bloco, mas às vezes vemos o Mercosul como um filho e nem sempre é possível enxergar suas falhas, mas é preciso reconhecer que elas existem", disse.

Lula, que em mais de uma vez destacou sua condição de "decano" entre os presidentes do bloco, afirmou que, "apesar dos evidentes progressos obtidos pelo Mercosul em seus 16 anos de existên-

cia, continua havendo muitos inimigos e detratores. Há cinco anos, diziam que o bloco era um fracasso e não tinha futuro, mas a realidade é que avançamos, com dificuldades, mas avançamos, e o Brasil passou de US\$ 10 trilhões de comércio em 2003 para US\$ 24 trilhões hoje", afirmou.

Lula convidou a presidente da Argentina, Cristina Kirchner, que assumiu a presidência pro tempore do Mercosul, a "definir uma agenda concreta que abranja as divergências no bloco e evite a dupla tributação de impostos". O presidente afirmou ainda "que os tempos políticos não são tempos técnicos" na busca de soluções pa-

ra as dificuldades. "Nós (os chefes de Estado) devemos nos reunir quantas vezes for necessário para superar os problemas e reafirmar as decisões políticas", ressaltou.

O Mercosul "tem inimigos internos e externos e, se não avançarmos mais depressa, a culpa não é dos Estados Unidos, da Alemanha nem de nenhum outro país, mas de nós mesmos", destacou Lula. De acordo com o presidente, para poder seguir em frente e superar os obstáculos internos do bloco, "é necessário deixar de lado as críticas e as pressões" dos setores empresariais e industriais que cada governo pode enfrentar em seus países.

MARCOS COIMBRA

SOCIÓLOGO E CIENTISTA POLÍTICO
MARCOS.COIMBRA@UAI.COM.BR



MARCOS MICHELI/EM

A oposição e o governo

Com finalidades puramente especulativas, vamos, por um momento, imaginar que, em 30 de outubro de 2006, ganhou o segundo turno da eleição o ex-governador Geraldo Alckmin. Se isso tivesse ocorrido, seria ele o presidente da República.

Prosseguindo nesse exercício da fantasia, podemos nos perguntar qual teria sido o comportamento da bancada de senadores do PSDB na votação que, de qualquer maneira, ocorreria neste fim de ano, a respeito da CPMF. Teriam eles votado como fizeram? E os senadores do DEM, tão combativos agora, como se comportariam se seus tradicionais aliados estivessem no poder, sendo um ex-senador da legenda o vice-presidente?

Essas perguntas não procederiam, é claro, se o governo Alckmin tivesse já feito, durante seu primeiro ano, uma reforma tributária mais profunda, onde a falta da CPMF fosse compensada. Quem quiser acreditar nessa hipótese, pode fazê-lo, mas tem que se lembrar que a CPMF foi criação do governo dos tucanos, que nunca deram sinais que a consideravam tão provisória quanto seu nome dizia. Aliás, durante aqueles anos, o único que ocorreu foi uma sucessão de iniciativas para fazer perdurar o que havia sido combinado como transitório.

É, portanto, razoável supor que, fosse o PSDB o partido no poder, teríamos chegado a este dezembro com o mesmo problema que o governo Lula enfrentou, de prorrogação,

pela enésima vez, da CPMF. O que teria acontecido no dia da votação?

De uma coisa podemos estar certos, que o presidente da legenda, o senador Sérgio Guerra, ao invés de estar festejando a derrota do governo, teria feito de tudo para evitá-la. De algo da contribuição, seu papel seria inverso, como um de seus principais campeões.

Mas as comemorações do senador, que se mostrou feliz por haver "desorganizado o governo" podem nos servir para uma reflexão mais ampla, sobre o que são oposição e governo em nosso sistema político. Não é coisa à qual estamos acostumados, especialmente neste Brasil que temos hoje, depois da redemocratização.

Nos quase 20 anos entre a vitória de Tancredo no colégio eleitoral e o início de 2003, podíamos ter dúvidas na localização exata sobre quem era governo, pois alguns personagens andaram fazendo movimentos estranhos, mas ninguém hesitava em apontar "a oposição", pelo menos seu núcleo mais combativo. No PT estavam os políticos que a população identificava como sendo "contra" o que sucessivos governos faziam, fossem eles chefiados por pessoas tão diferentes quanto Sarney, Collor, Itamar ou Fernando Henrique.

Depois da eleição de Lula, o panorama ficou menos simples, causando certa dificuldade para os eleitores de menor nível de informação. Nas pesquisas qualitativas, vimos como a imagem de oposição continuou associada a ele e ao PT, mesmo depois de já serem governo há tempos. Ainda hoje temos quem pensa assim, cinco anos após estarem

instalados no Planalto.

Se o PT tivesse perdido a eleição em 2006, como teriam votado seus senadores? Tendo estado na administração nos quatro anos anteriores, conhecendo de perto as dificuldades no financiamento do gasto público, teriam votado contra a prorrogação da CPMF para "desorganizar o governo" Alckmin?

Quando era "a oposição", o PT certamente votou, muitas vezes, pensando assim, em prejudicar o governo. Mas isso era antes de ter trocado de posição e passado a ser vidraça. E daqui para a frente? O que vai ser o PT quando voltar a ser oposição? Vai levar para a planície alguma experiência nova?

O que sabemos é que esse aprendizado não foi feito por muita gente do PSDB e do DEM. A obsessão de ser oposição "de verdade" de algumas de suas lideranças não está fazendo bem a nenhum dos dois

“

Fosse o PSDB o partido no poder, teríamos chegado a este dezembro com o mesmo problema que o governo Lula enfrentou, de prorrogação, pela enésima vez, da CPMF. O que teria acontecido no dia da votação?